

MEMÓRIAS DE PROFESSORES/AS DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DAS DÉCADAS
DE 1950, 1960 E 1970:
ESPORTIVIZAÇÕES DA ESCOLA E
ESCOLARIZAÇÕES DO ESPORTE^{1*}

DR. JOELCIO FERNANDES PINTO

Departamento de Educação Física, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
(Belo Horizonte – Minas Gerais - Brasil)
E-mail: joelciofp@yahoo.com.br

RESUMO

A pesquisa investigou memórias da formação inicial, profissional e da experiência docente de professores/as de Educação Física em Belo Horizonte (Brasil), nas décadas de 1950, 1960 e 1970. Foram mobilizados procedimentos teórico-metodológicos de História Oral. As reminiscências apontam que a formação profissional em Educação Física na temporalidade em questão, teria sido precária, empírica, generificada, militarizada e com um currículo esportivizado. As ações docentes teriam sido marcadas pela hierarquia, por práticas sexistas e pela crescente valorização de conteúdos e princípios relacionados ao fenômeno esportivo. Em menor escala aparecem iniciativas de aulas mistas, com debates de luta por direitos de igualdade, a pluralidade de conteúdos e tentativas de aproximação da comunidade local.

PALAVRAS-CHAVE: História; educação física; esporte; práticas pedagógicas.

1. Esta pesquisa contou com uma bolsa semestral da Capes, para realização de um doutorado sanduiche na Espanha.

APRESENTAÇÃO

O texto a seguir é uma síntese da pesquisa de doutorado² realizada no programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da UFMG. A investigação teve como objeto de estudo memórias de dez professores/as de Educação Física sobre suas experiências de formação (inicial e profissional) e de ações/práticas pedagógicas³, em escolas públicas e particulares de Belo Horizonte nos anos 50, 60 e 70 do século XX.

Na pesquisa de mestrado⁴ investiguei representações de Educação Física e Esporte presentes em políticas públicas (propostas para esta área) do Regime Militar, bem como as estratégias utilizadas para a circulação e divulgação de representações a respeito da prática esportiva e da Educação Física. Tal pesquisa teve como objetivo conhecer os argumentos utilizados para justificar a presença do esporte nas aulas de Educação Física e, principalmente, as ações adotadas para materialização destas representações. O trabalho indicou que agentes públicos do governo militar brasileiro, naquela temporalidade, protagonizaram um duplo movimento: *esportivizar* a sociedade e *escolarizar* o esporte. Para tanto, várias foram as estratégias adotadas.

É importante que se registre que o movimento pretendido pelo governo brasileiro nesta época (1970) não parece ter acontecido de maneira monolítica e sem resistências. Durante a elaboração de documentos oficiais, aparecem muitas dúvidas sobre o potencial do esporte em atingir as metas propagadas. Vários são os alertas sobre os cuidados que deveriam ser tomados para que práticas esportivas não desviassem os cidadãos de um caminho “correto”.

Este movimento de pesquisa foi interessante por vários aspectos, dentre eles, a possibilidade de perceber, com mais detalhes, os discursos e as estratégias utilizadas pelo governo brasileiro para justificar a presença do esporte nas aulas de Educação Física, além de perceber algumas resistências apresentadas no confronto a tal política.

Apesar das contribuições destas investigações, outras questões surgiram, tais como, sobre as possíveis aproximações e distanciamentos entre o que a política pla-

2. Esta investigação foi orientada pelo Prof. Dr. Tarcisio Mauro Vago.

3. Por ações pedagógicas, entendemos todas as intervenções realizadas por professores de Educação Física, principalmente, na escola. Assim sendo, pretende-se perceber e problematizar as memórias destes professores sobre as aulas, eventos esportivos, gincanas, festivais e demais atividades das quais os professores e professoras participaram e/ou organizaram. Tal posicionamento se justifica em função de entender que o processo de ensino e aprendizagem se dá em todo o espaço escolar, e não somente nas aulas. Dessa forma, todas as possíveis ações pedagógicas que teriam sido realizadas por tais professores, teriam contribuído no processo de construção de determinadas representações que são importantes para a pesquisa em questão.

4. Cf. PINTO, Joelcio Fernandes. *Representações de e Esporte na ditadura Militar brasileira: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos Dedinho (1968 à 1974)*. Dissertação de mestrado da Faculdade de Educação da UFMG, 2003.

nejou realizar e o modo como os/as professores/as agiram. Assim, as questões iniciais apresentadas no projeto de Doutorado foram: a política do governo militar trouxe algo de 'novo' para a Educação Física (em síntese: torná-la um lugar de aprendizagem de esportes) como ele próprio pregava e anunciava? Ou foi uma oficialização de algo que já vinha sendo construído em períodos anteriores? Que acessos tiveram os/as professores/as ao material produzido por tal política? Em que medida esta política influenciou práticas escolares e professores/as de Educação Física? O que teria influenciado suas intervenções pedagógicas? Que conteúdos, metodologias e instrumentos de avaliação teriam sido utilizados pelos/as professores/as?

Estas questões são aventadas por vários motivos. Um deles é a desconfiança de que a política do governo militar não teria passado de uma continuidade e expansão de iniciativas já anteriormente praticadas. Pesquisas, como a de Meily Assbu Linhares (2009), indicam a presença do esporte nas práticas sociais desde a década de 1920 no Brasil. Ocorre que os protagonistas envolvidos na elaboração das políticas do regime militar para o DED/MEC propalavam uma espécie de inovação, pois, tais políticas teriam induzido a inserção do esporte na Escola e nas práticas sociais – pois que o Diagnóstico que realizaram em 1969/70 indicou que a sociedade encontrava-se pouco “esportivizada”⁵.

Todavia, após um contato mais refinado com aportes teóricos que indicam, de um lado, que a intervenção profissional pode sofrer influências não apenas de uma política oficial apresentada para a área, mas também de uma formação que envolve e entrelaça experiências familiares, culturais e profissionais, como indicam os estudos de Maurice Tardif (2000) e, de outro, que a experiência humana é singular e em movimento constante de transformação, o conjunto de questões foi ampliado para abarcar conhecimentos sobre os momentos anteriores à atuação profissional e suas possíveis influências. Assim, interessou-se questionar também: que vivências teriam experimentado professores/as em suas infâncias e adolescências? Que motivos os levaram a escolher a profissão? Como teria sido a formação profissional? Que representações de Educação Física teriam sido propagadas? Que intervenções pedagógicas teriam sido realizadas? Que aproximações poderiam ser feitas entre a ação docente, a formação anterior e a política daquele período?

JUSTIFICATIVA E METODOLOGIA

Para dar conta de compreender tais questões, “Precisamos da história, mas não como precisam dela os ociosos que passeiam no jardim da ciência”, como alerta

5. Cf. MEC. *Diagnostico de Educação Física/Desportos no Brasil*. 1971.

Nietzsche citado por Walter Benjamin na tese doze do ensaio sobre “O Conceito de História” (1984). Precisamos da História, pois, “[...] qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita”, como defende Adorno (1995, p. 119). Então, precisamos da História para que nenhum dos princípios (preconceitos de qualquer natureza, relações sociais autoritárias, etc.) que nortearam a existência de Auschwitz se repita em qualquer prática social – assim também na Educação Física.

A escolha de tal objeto de investigação e em tal temporalidade se justifica, em primeira instância, pela importância de “*articular historicamente o passado*” da disciplina Educação Física. Entendendo como Walter Benjamin (1987a), que isso não significa “*conhecê-lo como ele de fato foi*”, pois tal situação é impossível. Mas “*significa apropriar-se de uma reminiscência tal como ela relampeja no momento do perigo*”. Considera-se importante o esforço de apropriação de memórias de professores/as de Educação Física sobre sua formação e atuação profissional. Observar e problematizar as reminiscências do que teriam vivenciado, pensado, como teriam agido, o que teriam feito em um período marcado por circunstâncias políticas específicas, em que um “regime de exceção” mobilizou diferentes estratégias políticas para difundir representações de Educação Física e de Esporte⁶.

Como indica Walter Benjamin (1987), entende-se que “[...] o cronista que narra os acontecimentos sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história”. As lembranças de professores/as de Educação Física foram aqui tomadas como oportunidade para compreender as circunstâncias que teriam balizado suas formações e ações docentes..

Tal temática trouxe para o centro da reflexão a discussão sobre o que vem a ser “memória” e qual a sua legitimidade nas práticas de investigação teórica. Assim, é preciso ter claro que, como toda fonte de pesquisa, a memória pode informar, de maneira falaciosa e/ou ingênua, fatos que não aconteceram, ou ainda, que aconteceram, mas exatamente da maneira como são lembrados, pois, a memória é uma reconstrução do passado no presente.

A análise do processo de lembrança dos testemunhos utilizada nessa pesquisa vai ao encontro da compreensão de Walter Benjamin (1987), que entende a memória não só como um produto da razão, mas também dos sentimentos, da intuição, do movimento humano e de “experiências comunicáveis”. Reconhecemos que o filósofo Walter Benjamin mais formula questões do que as resolve, o que

6. Cf. PINTO, 2003.

torna difícil encontrar verdades fáceis e/ou panaceias em suas reflexões. Todavia, o autor oferece pistas que nos ajudam a pensar historicamente o presente. Pode-se extrair de sua obra, dentre outros aspectos, o grande potencial da memória como elemento fundamental da criação do passado, em uma perspectiva de implosão do “*continuum da história*”, ou seja, de que a ideia de progresso da humanidade estava a serviço de mecanismos de exploração e acomodação de determinada classe social.

Entende-se assim, que cada reminiscência relatada nas entrevistas corresponde às mais diversas formas pelas quais cada professor/a deu conta de rememorar suas respectivas experiências no passado, afastando-nos, desta maneira, da escrita de uma história universal (oficial) e aproximando-nos de uma história repleta de contradições, tensões e “barbáries”. Situações que necessitam ser interpretadas de forma a perceber não só a barbárie, para que ela não volte a acontecer, mas também a astúcia, muitas vezes obscura, daqueles que estavam em uma condição de dominação.

A análise dessas memórias teve como princípio a relação, sempre conflituosa, do indivíduo com o seu tempo, com suas práticas sociais, sem perder de vista as condições humanas de produção e, principalmente, os aspectos do passado que são reconstruídos e transformados pelo presente, bem como a maneira como o presente é impactado por eles à medida que tentamos reinterpretar o passado.

Entendendo assim o movimento de rememoração, tal investigação não teve a intenção de confrontar as lembranças de tais protagonistas com qualquer outro tipo de fonte para verificar a veracidade dos fatos, visando identificar distorções e lacunas. A ideia foi sempre registrar, relacionar e compreender o que foi relatado. Como Eclea Bosi nos relata, “[...] nosso interesse está no que foi lembrado, no que foi escolhido para perpetuar-se na história de sua vida” (BOSI, 1987). Todavia, a análise de outras fontes não foi negligenciada; ao contrário, procurou-se ampliar o universo das fontes escritas que fizeram parte do processo de formação e intervenção profissional de tais professores/as, como, por exemplo, livros e cadernos da formação profissional de uma professora, bem como alguns planos de aulas.

Dessa forma, o número de dez entrevistados não teve a intenção de se configurar como uma amostragem significativa do que foi a Educação Física em Belo Horizonte, nas décadas de 60 e 70 do séc. XX. A intenção foi registrar a voz de professores/as sobre o que rememoram de suas vidas em relação com a Educação Física. Se entrevistássemos outros tantos professores/as, poderíamos encontrar outras tantas e distintas lembranças, mas para esta pesquisa registraríamos as rememorações destes dez protagonistas, sem a pretensão de dizer que foi esta a Educação Física deste período, mas sempre questionando por quê tais práticas foram lembradas e não outras. Registrou-se então, indícios de possíveis

representações e práticas pedagógicas de Educação Física existentes naquela época, porém formuladas no tempo presente.

Para a produção destas memórias adotou-se principalmente os procedimentos metodológicos da História Oral, que prevê, dentre outros aspectos, a atenção e o cuidado que o pesquisador necessita ter em relação às versões construídas pelos seus entrevistados/as, tendo em vista que elas não correspondem exatamente ao que aconteceu, mas são construções cognitivas do que o/a entrevistado/a acredita ter acontecido, ou seja, são representações elaboradas no tempo presente, discussão presente nos estudos de Paul Thompson (1990), Jaques Le Goff (1994), José Carlos Sebe Bom Meihy (1996), dentre outros.

Para a pesquisa em questão cabe um destaque para as produções de Andre Chervel (1990) em que o autor, em seu artigo "*História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa*", relata que muitas disciplinas foram constituídas a partir de demandas sociais, não apresentando nenhuma relação com o mundo acadêmico. O autor aponta ainda a significativa autonomia dos/as professores/as na condução de suas respectivas disciplinas e, por fim, destaca os dois principais entraves na renovação pedagógica, que para o autor são: os colegas de trabalho e o "corpo a corpo" com o alunado. Tais aspectos aparecem de forma muito evidente nas memórias dos/as professores/as entrevistados/as e serão discutidos ao longo desta apresentação.

A colônia de professores constituída por Élcio Paulinelli, Marluce Guimarães, Januário Schimit, Wilson Camelier, Reginaldo Gomes, Guido Agenor, Lúcia Aparecida Guilherme, Marialva Silva e Elisabete Rossete, vivenciou uma ambiência social marcada, por exemplo, pelo Pós-II Guerra Mundial. Alguns formaram-se antes do início da Ditadura Militar (1964) e outros, durante o Regime Militar. Em escala internacional, a temporalidade é marcada também pelo conflito entre duas potências – EUA e a então URSS –, a chamada Guerra Fria.

MEMÓRIAS E HISTÓRIAS

Em suas lembranças as circunstâncias sociais e políticas do regime militar foram recorrentes e anunciaram certo afastamento e um bom convívio com a situação. Todavia, a boa convivência não significava uma concordância tácita com as formas de governar. Destaca-se a presença, em menor escala, de testemunhos que indicaram ter havido uma aceitação indignada e estratégias de resistência contra as políticas daquela época.

Em relação ao movimento de enraizamento social do fenômeno esportivo em Belo Horizonte foi possível perceber uma pluralidade de apropriações e usos. Algo bem semelhante às pesquisas que investigaram este tema com outras fontes.

Os testemunhos de professores/as permitiram perceber que as relações entre escola, culturas e política estiveram entrelaçadas com suas histórias de vida. Eles e elas relataram seus envolvimento com esportes. De fato, os contatos com práticas esportivas deram-se de variados modos em suas vivências de infância e de juventude (alguns nos anos 40, outros, nos anos 50), podendo-se dizer que houve algo semelhante ao que Norbert Elias chamou de uma “*esportização das distrações*”. Talvez fosse o caso aqui de dizer de uma *esportização* dos tempos sociais que dedicavam aos divertimentos. O esporte estava na rua, no rio, na praça; o esporte estava nos clubes, e em escala menor, mas crescente, o esporte estava em suas escolas – estava na capital e também nas cidades do interior (Moeda, São João Del Rey, Caratinga, Nova Lima).. Enfim, como resumiu de modo muito significativo uma professora: “*o esporte está no sangue*”.

É a esta intensa presença que está-se chamando de um movimento de *esportivização do social*,⁷ quer dizer, de um crescente enraizamento social do esporte, já desde a passagem do século XIX para o XX, e que foi percebido também nas memórias destes professores/as, nas cidades que habitaram (pequenas ou grandes). Os seus distintos contatos com o esporte aparecem como decisivos no momento em que realizam a escolha de ter como campo profissional a Educação Física. Ao longo de suas graduações, e também após, o esporte permaneceu como uma referência de destaque em suas carreiras profissionais – e marca sua experiência docente.

Mesmo sendo o esporte – com os seus códigos – uma prática social em afirmação naquele momento, observa-se que ele não anulou a realização de outras práticas corporais, e mesmo a adesão a ele comportou uma pluralidade de entendimentos sobre o seu lugar na vida de cada um. Esta pluralidade teria relação direta com a formação familiar e profissional, em que percebem-se motivações de diferentes naturezas para a prática esportiva: influências médicas, sociabilidade familiar, construção de valores, prazer pessoal, dentre outros.

Outro aspecto desta pluralidade de entendimentos foi a ambiência social e política de cada centro urbano. Em algumas cidades a iniciativa política para a construção de praças de esportes, a organização de torneios esportivos, a constituição de clubes sociais foi mais acentuada do que em outras, influenciando, desta forma a construção de representações diversas da prática esportiva.

Estes vestígios permitem especular que este movimento de *esportivização do social* não foi unívoco, homogêneo, sem tensões. Ao contrário, nota-se a existência de diferentes *esportivizações* de (e nas) práticas sociais.

7. Esta expressão foi inspirada em Luciano Mendes de Faria Filho, que em seus estudos tem feito referências a um paulatino movimento de “*escolarização do social*”, na passagem do Séc. XIX para o XX.

Parece que a formação profissional teria seguido caminho semelhante. Porém, com interferências ainda mais singulares, em virtude, talvez, de uma necessidade de afirmação social da área e do corpo docente constituído no curso de Educação Física frequentado por eles. Suas lembranças evidenciam que a década de 50 foi marcada por um número acentuado de pessoas sem a formação profissional atuando como professor de Educação Física. Uma das razões é que Minas Gerais somente teve seu primeiro curso superior em Educação Física a partir de 1952 (treze anos após a promulgação do Decreto-Lei 1.212/39 que criou a Escola Nacional de Educação Física e Desportos da então Universidade do Brasil). Ademais, as condições salariais e estruturais de funcionamento deste curso em Belo Horizonte foram marcadas, segundo os relatos, por condições precárias pelo menos até final da década de 60, quando passou a pertencer à UFMG. As aulas práticas eram ministradas em espaços emprestados e os atrasos de pagamento de salário não eram raros.

É possível extrair dos depoimentos que durante quase duas décadas o único curso superior de Educação Física em Minas Gerais fora marcado pela precariedade de condições salariais e estruturais, pela empiria nas aulas, por um currículo diferenciado por gênero, por relações hierárquicas, de ordem e disciplina, por cobranças de desempenho técnico, pela crescente *esportivização* de aulas práticas, e por poucas referências bibliográficas ou discussões com os estudantes sobre a situação política do país.

A apropriação destas circunstâncias foi diversa. Alguns alunos/as consideraram normal, outros/as, apresentaram uma atitude de aceitação indignada e, em menor escala, uma resistência silenciosa.

As memórias destes professores trazem vestígios de uma ambiência formativa em que a prática esportiva esteve presente sob um discurso plural. O esporte aparece tratado de forma abstrata, como algo “bom” por si só, e com os mais diversos entendimentos: era considerado necessário para promover a saúde, evitando doenças (uma ‘medicina preventiva’); também para a construção de valores humanos de respeito, de honestidade e de cordialidade; e ainda para um prazer pessoal de ser reconhecido pelo trabalho bem feito.

Mergulhados e influenciados por esta ambiência profissional, os/as professores/as aqui trazidos enfrentaram em suas experiências docentes desafios ainda mais diversos, como condições de trabalho, relação com os/as alunos/as, relação com os pares e ambiência política. Em condições precárias de material e de espaço, o exercício profissional aparece cercado de voluntarismo, de criatividade e de improvisações, que impuseram dificuldades para a realização de aulas que estes docentes desejavam (ou foram formados para) ministrar. Encontram-se também os que atuaram em condições de trabalho que consideraram boas, e nas quais observou-se a

elaboração de um currículo e a condução de um ensino esportivizado, generificado, com relações hierarquizadas, orientadas por princípios de ordem e disciplina, e por comportamentos de cincho machista. Uma ambiência semelhante à que eles teriam vivenciado no momento de formação profissional.

Ao participar da organização e realização dos JEB's (Jogos Escolares do Brasil), evento promovido pelo DED/MEC, alguns professores incentivaram as iniciativas do governo militar. Outros relatam a divulgação e distribuição entre seus alunos da revista de História em Quadrinhos DEDINHO, publicada por aquele órgão, dizendo que as revistas tiveram uma boa repercussão, em virtude de sua peculiar e sedutora forma de contar histórias.

Alguns professores se fizeram 'técnicos de esportes' na escola, treinando equipes escolares para disputas de torneios internos e externos. As aulas de Educação Física destes docentes foram usadas também como lugar para observar e selecionar os/as alunos/as considerados aptos e em condições de compor equipes, com treinamentos específicos após o turno de aulas. Sua competência profissional era então avaliada pela capacidade de ganhar torneios e/ou de fazer atletas. Iniciativas que tomam a escola como lugar de formar atletas – ou como um “celeiro de atletas”, como ficou conhecido esse movimento (ainda que pareça ter existido mais no plano do discurso que nas práticas).

As circunstâncias que envolviam as aulas de Educação Física (como o grande número de alunos por turma, os diversos interesses, as discrepâncias técnicas), teriam impellido estes professores a serem algo mais que meros 'treinadores esportivos'. Os indícios apontam que o que vem sendo chamado de movimento de *esportivização da Educação Física* nas escolas carece de ser matizado, como apontou Marcus Aurélio Taborda em sua tese de doutorado. Um matiz possível é perceber que as aulas de Educação Física não sofreram a mesma colonização esportiva que as equipes escolares. Observa-se que nas aulas existia ainda uma convivência do esporte com outros conteúdos, como a Ginástica. No caso das mulheres, havia ainda iniciativas como o Festival de Dança, que tomava o tempo de quase um semestre. Além disso, no segmento de 1ª a 4ª séries as aulas eram organizadas como recreação infantil. São situações como estas que possibilitam pensar em um movimento no plural, ou seja, em *esportivizações* da Educação Física.

Na trilha de Walter Benjamin (1987), que aponta a experiência humana como única, instigou-se pensar que na aparência do igual existe o diverso. A vivência pode ser igual, mas a experiência é singular (BENJAMIM, 1987). E diversa e única foi a experiência profissional do professor Guido Agenor, em companhia da professora Eustáquia Salvadora de Sousa. Mesmo vivenciando uma mesma ambiência social e política, as memórias deste professor permitem especular que teria existido outra

forma de pensar e agir na Educação Física. E, paradoxalmente, essa Educação Física diferenciada teria ocorrido justamente nos “Ginásios Polivalentes”, um projeto educacional do governo militar em parceria com os EUA (acordos MEC/USAID), que previa, dentre outras coisas, um incentivo maior ao ensino técnico. Entretanto, muito distante do que seus mentores planejaram, nas aulas de Educação Física o professor Guido Agenor teria privilegiado a reivindicação de direitos femininos, a pluralidade de conteúdos, o rompimento de uma tradição da Educação Física de ordem e de disciplina, para então incentivar o “encontro”, a “festa”, como ele mesmo disse. Enfrentando o poderio dos atestados médicos e também a ingerência oficial de fiscalizações do governo militar, que por vezes constrangeu o seu trabalho docente, a experiência profissional do professor Guido revestiu-se de alguma singularidade e astúcia.

Estas memórias permitem pensar que o que tem sido chamado de *escolarização do esporte* também é caso para tratar no plural, ou seja, considerar as possibilidades de variadas *escolarizações do esporte*. Foram distintas as formas com que cada professor apropriou do fenômeno esportivo nas aulas. Mesmo reconhecendo a desproporcionalidade destas formas de apropriação, interessa para a história não apagar a maneira como o professor Guido Agenor fez uso do esporte. Ou seja, como lugar de reivindicação de direitos e como forma de convívio e sociabilidade entre homens e mulheres.

CONSIDERAÇÕES

Na temporalidade aqui tratada, as experiências humanas (formação e atuação profissional) destes docentes impõem limites para generalizações. A pluralidade de experiências singulares dificulta esquematizações simplistas. Sinteticamente, pode-se pensar uma dada predominância de práticas esportivas nas aulas, uma hegemonia de uma dada forma de organização das aulas, de uma diferença no currículo masculino em relação ao feminino, e do predomínio da recreação no segmento de 1^a a 4^a série (nomenclatura da época). No entanto, não se pode apagar a experiência docente do professor Guido Agenor que teria praticado outros modos de receber alunos e alunas, e com eles organizar uma Educação Física com outras características.

Ao observar o conjunto das memórias e contrastando os momentos de formação com o de atuação docente foi possível perceber continuidades e rupturas nas histórias de vida de cada professor. Destaca-se a forte influência que a formação familiar teria exercido na intervenção pedagógica, mesmo depois de ter vivenciado a formação profissional. É possível perceber também possibilidades que a formação profissional ofereceu no sentido de proceder algumas rupturas no desenvolvimento

de história de vida, como a participação em Diretório Acadêmico. Novamente, o professor Guido é o caso exemplar. Apesar de vivenciar o esporte em sua adolescência, no momento de sua formação profissional em contato com organizações políticas, ele teria alterado sua forma de pensar a Educação Física, o que lhe impeliu a agir de forma distinta no seu fazer profissional.

Em outros termos, as reminiscências destes professores indicam que independente das circunstâncias em que a área encontrava-se – se era de afirmação ou não, se estava sob intensa influência de um fenômeno internacional conhecido como esporte, se a formação era precária ou não, se o governo militar inaugurou ou não o movimento de inserção do esporte na escola, etc. – eles agiram pressionados por outras preocupações, como por exemplo, suas representações sociais na família, seus desejos próprios de ganhos profissionais, suas necessidades de sustentação familiar, por vontade de ajudar outras pessoas, pelas condições de trabalhos, dentre outras. Suas aflições eram mais próximas da realidade, mais encarnadas, não diretamente dependentes das questões que envolviam a área em escala nacional e internacional. Para grande maioria destes professores/as, se o fenômeno esportivo lhes oferecia alguma vantagem profissional, isso não parecia incômodo, ao contrário, era sinal de reconhecimento. Todavia, participar de iniciativas do DED – um departamento do MEC, sob governo Militar, não teria significado ser a favor desta forma de governar.

Um entendimento que parece possível extrair dos depoimentos é o de que o governo militar não inaugurou nenhum movimento, seja de *esportivização do social*, seja de *escolarização do esporte*, ou ainda, de *esportivização da Educação Física*, como anunciado pretensamente por seus agentes em suas políticas (PINTO, 2003). Estes movimentos já se encontravam em franca afirmação social, já na primeira metade do séc. XX, senão antes. O regime militar astutamente se aproveitou das circunstâncias para potencializar, intensificar e expandir o fenômeno esportivo. E certamente, fez isso à sua maneira. Em outras palavras, o esporte, já como valor social reconhecido, poderia ser útil aos diversos propósitos do governo militar. No entanto, aí também o diverso: “a política quando chega no professor, não vai ser do jeito deles. Vai ser do jeito do professor”, disse o professor Guido. E o jeito de cada professor/a, revestido de suas experiências humanas singulares e únicas, produziu distintas *esportivizações do social*, *diversas escolarizações do esporte* e, ainda, *diversas esportivizações da Educação Física*.

Em termos de disciplina escolar, as memórias aqui mobilizadas possibilitam compreender que a Educação Física foi uma disciplina que dispôs de certa dose de autonomia pedagógica, uma vez que alguns conteúdos – esportivos ou não – teriam sido experimentados, como a Dança, a Ginástica Acrobática e a Ginástica Rítmica, alguns mesmo antes de serem transmitidos no curso superior (como foi

o caso do Futebol de Salão). Nos depoimentos, os/as alunos/as aparecem como um dos principais entraves de tais experimentações (CHERVEL, 1990). Ou seja, se eles/as se interessassem pelas sugestões pedagógicas oferecidas pelo professorado, grande parte do caminho já teria sido percorrida. Caso contrário, necessitaria de certa imposição/sedução, o que poderia resultar em conflitos, tensões. O fato de a prática esportiva já se encontrar em crescente afirmação social ajuda a compreender porque ela foi, por parte dos discentes, um conteúdo de fácil adesão nos tempos e espaços da escola.

Todavia, não se pode esquecer que esta autonomia teve também seus limites, impostos não apenas pelo alunado, como também pelo regime político, e ainda pelas relações profissionais estabelecidas internamente. Parece então que a economia interna desta disciplina teria que passar principalmente pelo crivo de alunos/as, e também pelas relações de poder estabelecidas no interior da instituição escolar.

Esses aspectos reforçam a argumentação de grande parte da produção na área que aponta a dificuldade da Educação Física de se afirmar profissionalmente sem a aprovação tácita da comunidade. Em diálogo com parte da bibliografia crítica dos anos 90, principalmente aquela que utilizou-se da história para sustentar seus posicionamentos, observa-se que as matizes necessárias estão sendo apresentadas com o desenrolar das pesquisas históricas na área, que após anos de expansão, apresentam-se enriquecidas por outros aportes teóricos, investigando diversos documentos e conseqüentemente encontrando outros vestígios. Percebe-se que os apontamentos das denominadas teorias críticas, apresentadas principalmente na década de 90, foram baseadas no arcabouço teórico disponível à época, agora mais ampliado. Atribuir historicidade às produções teóricas de cada tempo é de fato imprescindível.

A pesquisa realizada instiga a necessidade de continuar a procura por vozes de outros/as professores/as, bem como enveredar-se pela investigação de memórias de alunos/as sobre as aulas de Educação Física, o que complementaria talvez o ciclo do processo ensino-aprendizagem, o que enriqueceria ainda mais o campo historiográfico.

Memories of Physical Education Teachers (Years 50, 60 And 70 of Century XX): Sportivizations of School and Schoolings of Sport

ABSTRACT: The present study has analysed memories about professional formation and pedagogic practices from physical educations teachers in the city of Belo Horizonte (Brazil), in 1950, 1960 and 1970. In order to elaborate such memories, we have used the Oral History methodology. The professional training in Physical Education at these decades would have been precarious, empirical, sexist, sportivization and militarized. The reminiscences evinced pedagogical practices sexist, callisthenic, as well as the introduction of sportive content. To a lesser extent, we have also observed evidences of professional actions that stimulated the encounter between the sexes, the fight for equality rights, the plurality of contents, the approximation with the local community.

KEYWORDS: History; physical education; Sport; Pedagogical Practises

Memorias de maestros de la Educacion Fisica en los años 50, 60 y 70 del Siglo XX: deportivizacion de la escuela y escolaridades de lo deporte.

RESUMEN: La investigación estudió memorias de formación profesional y prácticas pedagógicas de maestros de Educación Física en Belo Horizonte (Brasil), en los años 50, 60 y 70 (siglo XX). Se movilizaron los procedimientos teóricos y metodológicos de la historia oral. Las reminiscencias apuntan para una formación profesional en Educación Física precaria, separadas por género, empírica, deportivizacion y militarizada. Las acciones de los docentes aparecen como prácticas pedagógicas jerárquicas, sexista y el creciente dominio de los contenidos relacionados con el deporte. En una escala menor identifica-se iniciativas que favoreció el encuentro entre niños y niñas en la clase, la lucha por la igualdad de derechos, la pluralidad de los contenidos y los intentos de acercarse a la comunidad local.

PALABRAS CLAVE: Historia; educación física; deporte; prácticas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T. *Educação e Emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

BENJAMIN, W. *Obras Escolhidas II*, Rua de Mão Única. São Paulo: Brasiliense, 1987b.

_____. Sobre o conceito de história. In: _____. *Obras escolhidas*. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a. v 1, p. 222-232

BOSI, E. *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo, T. A. Queiroz, Editor, Ltda. 1979.

CHERVEL, A. *História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e Educação*, Porto Alegre, 1990.

ELIAS, N. & DUNNING, E. *A busca da excitação*. Trad. de M. M. A. Silva. Lisboa: DIFEL. (edição original: 1985), 1992. 421p.

LE GOFF, J. *História e Memória*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1994.

LINHALES, M.. *A escola e o esporte: uma história de práticas culturais*. São Paulo: Cortez, 2009.

MEIHY, J. História Oral: um locus disciplinar federativo. In MEHY, José Carlos Sebe Bom (Org). *(Re)introduzindo História Oral no Brasil*. São Paulo: Xamã, 1996, p.48-55.

OLIVEIRA, M.T. *Educação física escolar e ditadura militar no Brasil (1968- 1984): entre a adesão e a resistência*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

PINTO, J. *Representações de Esporte e Educação Física na Ditadura Militar: uma leitura a partir da revista de história em quadrinhos Dedinho (1968 a 1974)*. 2003. 198 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2003.

PINTO, J; XAVIER, M. Olhares sobre a prática e o ensino dos Esportes em Minas Gerais (1940 - 1980). In: Carlos Fernando Ferreira da Cunha Junior. (Org.). *Histórias e Memórias do Esporte em Minas Gerais*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2011, v. 1, p. 100-120.

SANTOS, M. O Pesadelo da Amnésia Coletiva. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v.23, n.8, p.16-32. 1993

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. *Revista Brasileira de Educação*, 2000, n.13, p.5-24.

_____. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2005.

THOMPSON, P. *A voz do passado – história oral*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMSON, A. In: FERREIRA, M. M.; FERNANDES, T. M.; ALBERTI, V. *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2000.

Recebido em: 7 abr. 2013

Aprovado em: 7 ago. 2013